



miolo de pote

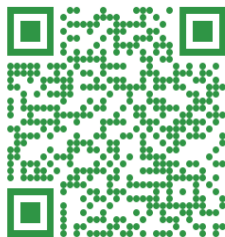
natália nuñez



matula edições

a fuga não é transgressão ilusória em direção a um fora transcendente, mas secreção de uma versão subterrânea - clandestina e herética - da realidade. [...] A fuga é ascese: arte paradoxal da derrota, um desfazer que se aplica tanto às instâncias de dominação quanto à sua reverberação no mais profundo de nós.

Dénètem Touam Bona



quando eu vou embora quero dizer era uma vez

foi uma carta de despedida no verão. não sei quantas vezes
desci e subi as escadas de casa atrás de algo que está sempre
esquecido em outro cômodo. as coisas nunca estão aqui.

uma carta de despedida para quando eu não lembrar do seu
rosto

porque toda lembrança de você pode ser a última
e toda coisa última é uma realidade

as coisas reais são um despejo

quando eu procurei responder o que eu queria ter sido
pensei no som do meu avô tocando trompete

fiz uma carta de despedida para quando
eu não lembrar do seu rosto te sobreviver
no som que essa resposta faz

vou começar sempre como se fosse a primeira vez
porque gosto de roubar a sorte dos principiantes
a palavra dos distraídos
a carta que castiga

a partir daqui
entende quem souber
ser neto do agamenon

(salve sua força)

você contorna a igreja
depois da esquina primeira esquerda
quase no fim da subida
depois do portão de ferro verde
domingo não é sobre a quantidade de comida
e sim sobre garantir que todo mundo coma
copo de requeijão prato duralex âmbar
sobreviventes impossíveis
num domingo de sol

ele não pediu a paraíba de volta
ele pediu qualquer praia num lugar quente

era domingo quando a vó disse
se for para serra ou
se for para ser sertão
todo caminho é sagrado

corro até a ponta do píer
paro na beira não mergulho
volto com a ponta do calcanhar
caminho o meu percurso às avessas
sou alguma medida de distância

faço a mala no encontro de quem me guia
acendo vela para direção deixo pegadas
na casa do caranguejo a pinça tem precisão para catar a ferida

você vai agachar até esse papel
achar o meu avô
riscos a lápis
passagens de avião

bilhetes de ônibus
recibos de restaurante
flocos de milho
café adoçado
os santos as entidades
mapas paradas provisórias
nenhuma intenção
exercícios da vontade

em algum lugar eu corro de quatro
mesmo que ainda seja de medo
escrevo as imagens nas encostas
mensagens em ferro vermelho
em milhões de anos espiar pela brecha
trocar os olhos pela boca
fazer do aviso da fome uma herança

sou bicho também sob suas patas
cavalo em cadeira de plástico
bolso na roupa para descansar as cascas
da minha pele de mamífero
quase sem pêlo

meu avô sabia quando me chamou para essa tarefa
e o que deixou para cada um

faço as malas desde que vi meu avô chorar

ele tem a mesma cara assistindo tv
dando bronca comendo cuscuz com leite
ou biscoito de coco
limpando o trompete e soprando
o mesmo barulho dos pés

eu nunca olhei meu avô dentro dos olhos
exceto quando o vi chorar
e ele chorou como quem sempre soube conter o choro
para não soar o alarme nem perder o fôlego

meu avô é um homem de serra branca sertão do cariri
casou com minha vó contra a vontade de todos em belo jardim
algumas cidades depois descendo o brasil
meu pai nasceu em são paulo

ele assinava como o *novo* nos muros do tucuruvi

ouço meu avô tocar trompete
como quem procura um povo
procuro um povo
como quem perdeu as chaves de casa

é precisa imaginar
é preciso não esquecer

faço a mala para procurar um povo
sem nenhum registro que me comprove
com a identidade lavrada ao citar o nome
das minhas tias mais velhas

ouço meu avô
como quem mata saudade da chuva
deslizando as mãos no facheiro

minha mala leva o domingo
a vó dela sentada como um farol
se for para gente ficar no sertão
ou se a gente vai se enfiar em itaparica

todo o caminho é sagrado



me irrita como postais com fotos feias resistem mais ao tempo

postais são como ícones de uma cidade. não sei quem os escolheu. preferiu determinado ângulo das fotos.

os cartões postais são o gesto de levar o lugar a alguém. postais ruins são como levar uma pessoa a um parque em curitiba.

encontrar um bom postal é uma sorte. eu gosto de coincidências. às vezes nossas mães têm o mesmo nome. outra hora nascemos exatos dois anos depois uma da outra. quando você adoce e não me conta eu te ligo para saber se você está bem. eu sinto coisas. procuro postais. bordo palavras. recorto papéis.

a gente cheira o rabo encostando uma palma na outra. te chamo sem intenção não sem vontade.

achei um postal para contar uma história. escrevi para gente se encontrar quando eu voltasse. salvo esse lugar ruim com histórias bem contadas.

colei as melhores palavras que eu tinha num postal de curitiba para você.

a história salva pelas palavras que a contam. digo assim de pura esperança que você me ouça porque no final das contas uma história boa é aquela que dá vontade de repetir quando conhecemos alguém.

só se repete o que foi feito uma vez.

ouço o trompete do meu avô enquanto colo as melhores palavras que eu tenho num cartão postal. a minha mala é meu domingo. tenho nela o que me conforta. procuro postais para te enviar lugares. aprender a escrever concisamente uma frase atrás de uma imagem. o que posso com os postais ruins e as palavras que conheço.



essa viagem começou com uma mentira
tem seu nome uma vírgula
boas promessas
combinações mal omitidas
os dedos entres os cabelos pela manhã no chuveiro
eu te amo não desiste de mim
no papel a recusa em dar a letra
se não assino um nome não assumo esse destino

o caminho é feito também pelo que está morto
as coisas mortas tem seu modo de viver
aquilo que perturba
mesmo depois da palavra sobrevivência

eu escrevi
no espelho embaçado do banheiro
não encontrar nada também pode ser um sinal
eu escrevi a palavra
no gesto a intenção
deslizar o dedo até a linha
reler
deixar o rastro no vidro do banheiro
para depois do banho ao escovar os dentes
diante das atividades que permanecem manuais
encarar a mensagem adivinhar a própria pista

a língua dela lã de vidro mera coincidência
a gente no espelho nossa própria imagem

não tenho medo do salto na ponta do pír
é da linha banhada no vidro
atravessar a garganta enquanto a gente brinca de pipa

busco uma verdade
como quem usa detector de metais na beira da praia

achei o brinco que ela me deu e
pegou de volta
para perder de uma vez enterro tudo
sei cavar os meus esconderijos
voltar para buscar na melhor hora

existe a mentira para manutenção da memória
existe a memória como o coração da vida

ouço meu avô tocar trompete trancado no quarto
sinto saudade de nunca ter sido

ele estendia uma toalha no sofá como quem alinha a poltrona
na direção da tv
no seu documento oficial constam
o nome completo um pai anônimo
e de todas as profissões exercidas
declaro o seu ofício de artista

eu achei que ele fosse uma porta de saída

imagino para me dar uma segunda chance
quando eu fico longe assim desse tanto
tenho dificuldade de não ir em frente
e faço o que é necessário
por mais insensível que possa parecer

achei o postal da rua vinte e quatro horas. ela é uma galeria com pequenos pontos comerciais. éramos crianças. fazíamos da vinte quatro horas um lugar indesejável. na volta para casa atravessava a vinte e quatro horas para ser reconhecida por elas. para chegar em casa e não me confundir com os outros no espelho do banheiro.





escrevo como quem recebe uma tarefa
e eu gosto de ter uma tarefa para cumprir com zelo

a professora pediu um conto baseado na infância dos meus pais

os parentes chegaram sem avisar na casa da minha mãe. minha avó pediu para ela ir a padaria. no caminho de volta ela precisou fugir de outras meninas. tudo o que eu tinha era a história da minha mãe fugindo de uma briga com meninas do colégio. ela correu segurando pão e mortadela. isso era tudo o que eu tinha como história para contar. minha mãe de cabelo chanel. calça azul marinho com listras na lateral. eu botei um moletom nela porque ficar quente é uma sensação de segurança. ela correu de havaianas. derrubou a mortadela no chão atravessando a rua. eu penso no papel pardo da padaria. as fatias finas o cheiro forte no asfalto. minha mãe entre as vias dos carros de são paulo maior que eu despistando a briga. servindo para minha vó a mesma mortadela que o fio das máquinas supostamente não cortaram bem. escrevo com a quantidade de segredo que alguém assim carrega.

não escrevo por achar interessante
é meu ofício passar o segredo adiante sem revelar
para quem não come comigo o almoço de domingo.

o relógio pendurado no pulso
a risada com a língua para fora
o tapinha com as costas da mão
o som do trompete trancado no quarto
a intimidade com a casa de quem a construiu
seu olho negro azul celeste cor de manteiga
seu caminhar carregando sua pochete

minha mãe guarda segredos
e chama agamenon de vô
assim como eu

me confundo sobre quem está do meu lado. todas as coisas
são minúsculas e até elas têm uma certa vaidade para ferir.
depende do quão perto do rosto a quantidade de pontos para
fechar o corte. o gato encosta a bochecha dele na minha pra
dormir. é uma obsessão querer se aproximar assim. ou uma
diferença de sensibilidade: a face que não ofereço é a barriga
que ele recolhe.

chego novata para dizer o nome dado pelo meu pai como se eu
fosse o que ele queria. digo em voz que ainda vacila. dou a essa
palavra que me denomina todos os corpos que imagino. não
tem conselho que segure a minha curiosidade para ir.

erro meu gênero sem querer,
de propósito,
e porque preciso

viajo para pedir mais informações de como chegar onde quero
ir

meu avô veio de serra branca
construiu sua casa com minha avó em são paulo no tucuruvi
ela tinha sido prometida para um estudante de medicina
trocou a promessa para abrir seu caminho com um artista
construir treze filhos crescer mais de trinta netos
escolher quem come de manhã e a noitinha
inventar seu próprio gesto de justiça

meu avô não pediu a paraíba de volta
ele pediu qualquer praia num lugar quente
não ser monoteísta tocar seu trompete

eu gostaria de propor na falta de evidência maior
além de estarmos muito vivas aqui
(a despeito da maquinaria que vocês criaram
todo sistema coercitivo de crença
as leis que ninguém consegue decorar
o monopólio ilegítimo da força
a proximidade que vocês têm com toda má morte)

foram elas que desenharam
o beijo mais antigo conservado pela vontade
na serra da capivara
em são raimundo nonato no piauí

trago com elas a disposição de leitura

repara para olhar a vontade de registro. um dia não tínhamos
as palavras, as aulas de arte, as oficinas de escrita, a academia
de letras, o caderno de caligrafia, o pincel apropriado. haviam
as rochas. as mãos e a vontade. uma semente e nela a sensação
de uma cor. alguém que a macerou sem a palavra com o pote.

o que é macerar uma semente e a pessoa que um dia será ou não chamada de mulher. muito antes da mulher como será que sentíamos essa vontade por outra. alguém foi com as mãos e fez com a casca o que me faz teu nome.

eu vi o beijo mais antigo do mundo
quem imagina o beijo entre duas mulheres sou eu

vou do sertão ao mar como quem vai de belo jardim a são paulo
a seca vem depois que os ventos aumentam
quero dizer, eu herdei a palavra ir e a esbanjo

perambulo. tenho medo de precisar ser outro nome porque não quero ficar só. escrevo todo dia em voz alta dentro da minha cabeça. tenho medo de escrever porque soo pessoal. e vocês precisam entender que as mentiras também vivem na intimidade. o que a gente tanto quer descobrir nos poemas das mulheres? alguma coisa entre morrer e estar vivo me assusta.

digo adeus todo dia um pouco mais de longe
não permanecer pela primeira vez é uma última coisa
a última vez é uma realidade
realidades são despejos
você aguenta tudo isso mais uma vez?

quem sai da terra natal em outros cantos não pára

ler um poema é firmar uma vela
pedir e ler em voz alta porque
as palavras e as mulheres circulam universalmente

escrevo porque ninguém nunca viu tatu com onça na boca

sou aprendiz porque imagino a flecha não o alvo
me distraio com tudo o que potencialmente pode ser uma
coisa
e é outra

meu avô tocava trompete trancado no quarto
eu ouvia alguma saudade de nunca ter sido
porque depois de o tornar avô
todos viramos menino
naquele sentido que menino é um mundo
onde andamos sem camiseta na garagem do vô

entre o sertão e o mar reparo o meu caminho
vejo algo em comum entre a pintura rupestre
as pedras da fome os versos de safo
meu avô tocando trompete no quarto depois de chorar

sou contra o uso da palavra mistério pra disfarçar o que você
ainda não sabe querer

cheiro o meu ofício
boto na boca
o trabalho que me resta
arrasto
para fazer o futuro que também lembrará de nós

não só de consanguinidade vive uma linhagem
venho dos pequenos artesãos e artistas
trago o silêncio o repasso
repito a abertura para o susto

meu ofício que não espia
aqui ninguém fica a salvo de mim

como o momo da corte
como o que surpreendentemente tem de fogo
no fundo da fogueira debaixo das cinzas
depois de futucar o que parece morto

mantenho a mentira em prol da história
da imagem dos postais
dos rumores

escrevo como membra trapaceira
o que digo também é em favor da risada dela

as pessoas não escrevem juntas
porque quando você menos espera
precisa dizer
essa mentira aqui não queria que contasse
e agora

minha falta de força em dizer em voz alta
trama um ofício toda hora sob o desejo
aquém de saciar a memória
por mais um momento de perigo

não somos de um lugar
somos de onde estamos vindo

é dos pequenos artesãos e artistas começar partindo
ver com a mão a cara da escolha
imaginar nem que seja baixinho
no meio das horas possíveis

as janelas da boca têm um tecido mole demais para sorrir
crescer também é sobre os dentes
pararem de cair por um tempo

é preciso escolher o destino pedir o caminho
andar com aquela liberdade que não seja posse do próprio
coração

estou aqui com meu domingo na mala
a vó dela como um farol
fazer o caminho é também imaginar o desvio

lembrar meu avô tocar trompete

uma nova cidade é uma aventura fatal. de alguma morte a
gente renasce. aprende a andar e falar de novo. passamos
por uma nova introdução alimentar. nela emolduro um novo
nome. acredito em começos e na realidade de nascer. me
reconto como se as memórias fossem as últimas moedas para
trocar por pão na padaria.

é sobre compreender meu nome e não ignorar meu ofício.
num mundo de oralidade pintaram em vermelho o arenito
antes que a literatura fosse a convenção da forma. escrevo para
manter o silêncio vivo e sem perder a mensagem. o que você vê
é um pedaço do meu corpo porque todo gesto se inscreve.

todos os meus textos são seus

escrever para curvar seu corpo sem sujar as minhas mãos na
sua crueldade

tem falsidade que não vale o papel
e a esse papel que me presto

prática de imaginar
entre eu e tudo
o outro lado
através do olho mágico
a vontade a uma porta de distância

peço licença para escrever coisas sutis como
não mamar e empedrar leite
licença para levantar questões ordinárias porque
enquanto a mãe não grita a filha mais velha não chora
o fio da goiva afiado na pedra do medo sulca o contorno da
vontade

enfrento esse medo de ficar presa no possível
repito a primeira cena
erro para experimentar se é questão de um pouco mais de jeito
ou um pouco mais de força

teimo pelo gozo não pela obra

duas criaturas escolhem um som para compartilhar e corpos
são talhados

dos pequenos artesãos e artistas
da linhagem de quem não abandona o desejo e sabe a hora
certa de morder

da felicidade que alguém te dá quando vai porque no fundo
volta sempre melhor

cheguei aqui quando pude ver meu avô dentro dos olhos
seus olhos molhados sem permissão para derramar

te mandei o postal com meu *how could an angel break my heart*. recebo um email com seu *cuz nothing compares to you*.
fui no karaokê para cantar as canções que me despediram
lentamente de você. a luz azul talvez um pouco roxa o globo
rodando um certo *as i try to make my way to the ordinary world i will learn to survive*. o tapa na bunda ao descer as
escadas.

primeira lição para ir:
é preciso dizer adeus.

sou uma obediente razoável
escolho o melhor momento para desobedecer.

é aqui

meu avô não pediu a paraíba de volta
pediu uma praia num lugar quente
não ser monoteísta tocar seu trompete

como tocava no carnaval
e trazia as gorjetas para a própria festa
em casa com seus treze filhos
inconcebível com o ofício de artista

o olho que chorava do meu avô
a vida da qual ele se despedia
deitada no mar de tubarões
a atenção nos arrecifes

não tive pressa no que era íngreme
a rua foi mais alta que os prédios

meu avô
exerceu seu ofício nas ruas
nas pedras da fome
nas pinturas rupestres
no futuro do verso de safo
nesse poema esquisito

quando a última pessoa que ouviu falar da gente morre
dizem essa ser a última - e a verdadeira vez - da nossa morte

a última vez é sempre uma realidade
a realidade é um despejo

quem dobra a morte são as crianças
o povo bantu
meu avô que faz música no carnaval

tocar trompete não é coisa para gente de bico mole

isto é,

tudo o que sobrevive à revelia da norma
passado de boca em boca
nosso miolo de pote



poucas coisas me ensinaram a imaginar meu caminho quanto meu avô agamenon e o terreiro aruanda [@terreiroaruanda] cuidado pelo sacerdote david dias [@davidumbanda]. terminar esse texto é uma forma de agradecê-los.



editado e impresso por matula edições [@matulaedicoes]
texto e imagens por natália nuñez [@taediu]
2025

miolo em papel pólen bold 90g/m²
capa em color plus 180g/m²